

V Á R I A

Estela funerária com inscrição latina do Crato (Alto Alentejo)

Numa breve visita que, no dia 9 de Março de 1970, fiz ao Seminário de Portalegre, deparei com um fragmento de lápide epigrafada, recolhida, havia algum tempo, no museu desse Seminário. Pedi autorização para fazer o seu estudo que agora publico, por me parecer que tem algum interesse para um mais rico conhecimento arqueológico da região onde a lápide foi encontrada e pelo contributo real, embora modesto, que a inscrição traz à causa da epigrafia em Portugal.

Trata-se de um fragmento de estela funerária luso-romana. É de granito e apresenta forma irregular. Mede 36 cm de alto por 23 de largo (medidas máximas), oscilando a sua espessura entre 9 e 11 cm.

A peça foi encontrada numa herdade do Crato, perto da estação do caminho de ferro, e oferecida ao Rev. Dr. Manuel Rodrigues Vermelho para o museu do Seminário.

Em carta de 29 de Março de 1970 escrita de Alemanha, o Rev. Dr. Manuel Rodrigues Vermelho teve a gentileza de informar: — «A lápide... foi oferta dum particular. Encontrou-se numa herdade do Crato, na zona romana situada junto à estação, onde se encontram ainda pavimentos com mosaicos romanos».

A inscrição é funerária. Aberta no fragmento existente, está muito incompleta, em virtude da fragmentação que a lápide sofreu.

Consta, apenas, de três linhas incompletas e ainda de leve vestígio de uma quarta linha. Outras, que provavelmente existiram na continuação, desapareceram.

As letras são irregulares, de altura diversa, de incisão imperfeita, e do tipo paleográfico da *capital de mão livre*, encaminhando-se para o *tipo comum*, denotando um mau lapicida. A sua altura varia entre 33 e 45 cm.

A primeira linha contém o nome do defunto (ou defunta): *Maxsi[mus ou ma]*; parece notar-se parte do I na margem do corte.



Inscrição funerária da estela do Crato.

A segunda linha indica a filiação — *Doquir[i] {(ilius ou ilia)}* — e encerrava ainda o início da palavra [*ann*]/*orum*, completada na terceira linha. Esta continha também o número indicativo da idade da pessoa sepultada, que desapareceu. Na quarta linha há vestígios de uma letra que seria I, ou L, ou H, e que pertenceria ao nome de quem mandou levantar a memória funerária, ou, no caso de

ter sido H, podia ser a sigla inicial da fórmula sepulcral H S E = *h(ic) s(itus) e(st)* ou *h(ic) s(ita) e(st)*.

Leitura: *Maxsi[mus]/Doquir[i] f(ilius) ann[...]/orum[...]/...*

Tradução: *Máximo, filho de Doquiro, que morreu com... anos de idade...*

Não sabemos se se trata de pessoa do sexo masculino ou feminino; nesta última hipótese, ler-se-ia: *Maxsima Doquiri filia*, etc. (*Máxima, filha de Doquiro*). Anote-se, também, que o nome do defunto podia estar em dativo, como acontece com alguma frequência na epigrafia funerária (inscrições funerárias de cariz votivo ou de dedicação). Ler-se-ia neste caso: *Maxsimo, Doquiri filio*, etc. (*a Máximo, filho de Doquiro*, etc.) ou no feminino correspondente. Desconhecemos a sequência da inscrição por ter desaparecido.

Maximus é antropónimo muito frequente na epigrafia latina peninsular. XS por X (*Maxsimus* em vez de *Maximus*) aparece, com alguma frequência, nos títulos epigráficos.

Doquírus, que se encontra também com as formas *Docquírus* e *Docquíricus*, é nome de origem celta e aparentado (mesmo étimo) com *Docius* e *Doccius*.

Está registado nas seguintes localidades da Península: Soure — *Doquira* ⁽¹⁾; Alfeizerão — *Doq* ⁽²⁾; Idanha-a-Velha — *Doquiri* ⁽³⁾, *Doquiri (Cilea Doquiri Cuntiri)* ⁽⁴⁾, *Doquiri* ⁽⁵⁾ e *Docq.* ⁽⁶⁾;

(1) C. I. L., II, 364.

(2) C. I. L., II, 360; «O Archeólogo Português», VII (1902), p. 241.

(3) No *gen.*, D. Fernando de Almeida, *Egitânia — História e Arqueologia*, Lisboa, 1956. n.º 116, p. 215.

(4) Scarlat Lambrino, *Les inscriptions latines inédites du musée Leite de Vasconcelos*, «O Archeólogo Português», nova série, III (Lisboa, 1956), n.º 28, pp. 50-52; D. Fernando de Almeida, *Obra cit.*, n.º 79, p. 191.

(5) No *gen.*, C. L. L., II, 448; D. Fernando de Almeida, *Obra cit.*, n.º 119, pp. 216-217.

(6) *Docq (uir)*, *gen.* D. Fernando de Almeida, *Obra cit.*, n.º 126, p. 221.

Capinha-Norte de Idanha — *Docquiri* (7); Freixo de Numão — *Docquiricus* (8); Trujillo — *Doquiri* (9); Mérida — *Docquiricus* (10).

Docius encontra-se em Bragança (11) e em diversas localidades de Espanha (12). *Doccius* e *Docciacus* são frequentes na Gália e Grã-Bretanha; *Docirix* vê-se em algumas moedas da Gália (13).

Com o conhecimento da presente inscrição, o antropónimo *Doquirus* (*Docquirus*) estende-se agora ao Crato.

Segundo a informação, já referida, do Rev. Dr. Manuel Rodrigues Vermelho, no local onde apareceu a lápide encontram-se outros vestígios da romanização, inclusivamente mosaicos. Sabemos que toda essa região foi muito romanizada. Não muito longe do Crato, em Aramenha do concelho de Marvão, ficava a antiga cidade (com município) da *Ammaia* (14). Aí e no respectivo aro têm aparecido numerosos vestígios do período luso-romano e posterior e diversas inscrições, algumas com muito interesse (15).

A região do Crato é também rica em elementos arqueológicos anteriores à romanização. Só para exemplo: o Dr. Agostinho Farinha Isidoro procedeu, de 1960 a 1965, a sondagens e explora-

(7) Scarlat Lambrino *Art. cit.*, n.º 42, p. 63.

(8) C. I. L., II, 341 (*Catuenus Docquiri[c]i f(i)lius*).

(9) *No gen.*, C. I. L., II, 624.

(10) C. I. L., II, 551.

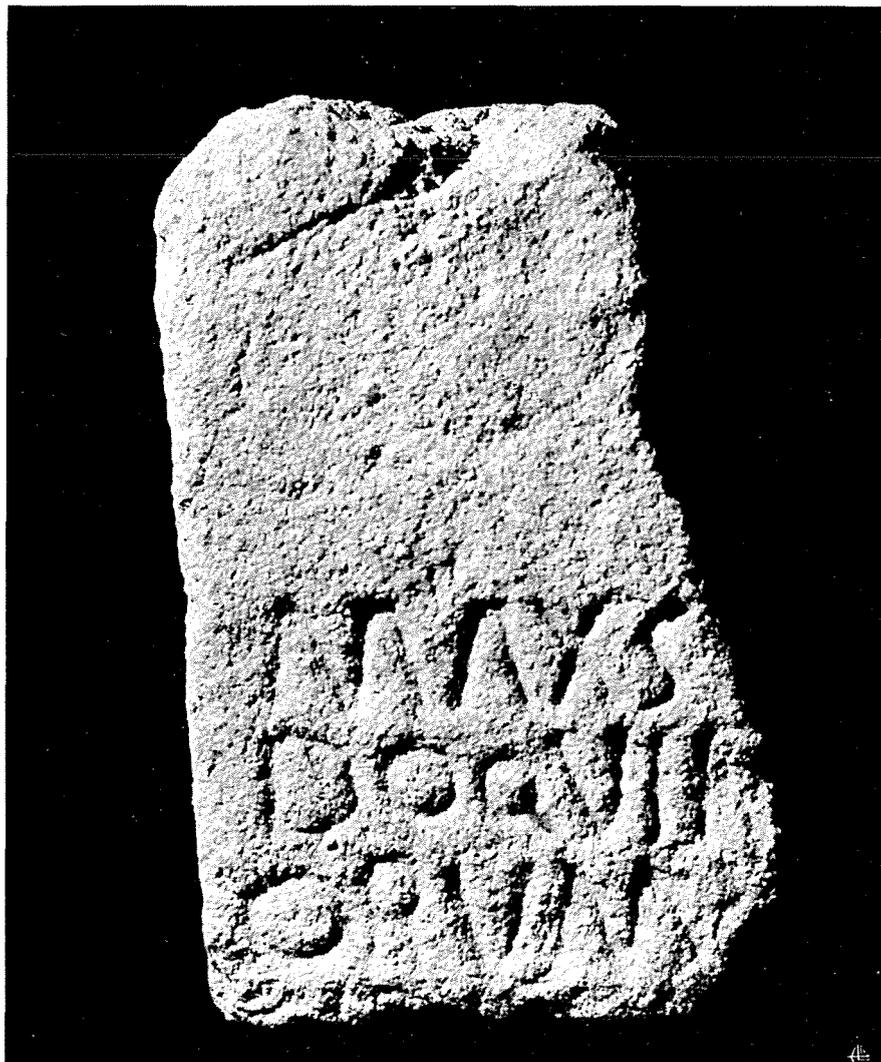
(11) C. I. L., II, 5070.

(12) C. I. L., II, 2633, 628. Ver ainda outras referências em Jürgen Untermann, *Elementos de un Atlas Antroponimico de la Hispania Antigua*, Madrid, 1965, pp. 104-105, e em Manuel Palomar Lapesa, *La Onomástica personal pre-latina de la antigua Lusitania*, Salamanca, 1957, pp. 69-70.

(13) Ver Scarlat Lambrino, *Art. cit.*, pp. 50-52 e nota 162.

(14) José Leite de Vasconcelos, *Localização da cidade de Ammaia*, «Ethnos», I (Lisboa, 1935), pp. 5-9.

(15) José Leite de Vasconcelos, *Art. cit.*, Eugénio Jalhay, *Epigrafia Amaiense — Contribuição para o estudo de Aramenha romana (concelho de Marvão)*, «Brotéria», XLV (Lisboa, 1947), pp. 615-633, com dois extratextos; Afonso do Paço, *Inscrição cristã do Monte Velho (Beirã-Marvão)*, «Brotéria», XLIX (Lisboa, 1949), pp. 40-45; Afonso do Paço e D. Fernando de Almeida, *Dois inscrições romanas inéditas do Museu de Marvão*, «Revista de Guimarães», LXXII (Guimarães, 1962), pp. 145-151. Ver também a bibliografia indicada nestes estudos.



Fragmento da estela funerária do Crato

ções arqueológicas da área do Concelho, centradas nos monumentos dolménicos. Nos estudos publicados dá-nos notícia da existência de 33 antas ⁽¹⁶⁾. E muitas outras riquezas arqueológicas esconde, em seu seio, o Concelho do Crato.

Pelas facilidades dadas e informações prestadas em ordem ao estudo desta inscrição, testemunha-se o melhor agradecimento aos Rev.^{os} Padre Augusto Dias Lopes, do Seminário de Portalegre, e Dr. Manuel Rodrigues Vermelho.

D. DOMINGOS DE PINHO BRANDÃO

Notas sobre o casamento na Aldeia da Mata

Aldeia da Mata é uma das mais importantes freguesias do concelho do Crato, Alto Alentejo.

Fica a oeste, e a 8 km, da vila do Crato, numa altitude de uns 219 m, assente na cumiada dum monte com a orientação norte-sul.

Em sua volta os terrenos são pobres com abundantes afloramentos graníticos.

⁽¹⁶⁾ Agostinho Isidoro, *Esboço arqueológico do Concelho do Crato (Alto Alentejo)*. «Anais da Faculdade de Ciências do Porto», XLIV (Porto, 1962), pp. 206-228; Idem, idem, *Novos elementos*, «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», XIX-1 (Porto, 1963), pp. 71-75, XIX-2 (Porto, 1963), pp. 174-177, XIX-2-3 (Porto, 1964), pp. 353-359; Idem, *Escavações em dólmenes do Concelho do Crato (Alto Alentejo)*, «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», XX-1-2 (Porto, 1966) pp. 29-57 e XX-3-4 (Porto, 1967-1968), pp. 285-297. Ver ainda, Idem, *Escavações em dólmenes do Concelho do Crato (Alto Alentejo)* — III, «Anais da Faculdade de Ciências do Porto», LIV, fasc. 1 e 2; Idem, *Escavações em dólmenes do Concelho do Crato (Alto Alentejo)* — IV, «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», XXII, fasc. 1, onde se insere este nosso trabalho. Os dois últimos artigos, publicados em separata, fazem parte da colecção «Trabalhos do Instituto de Antropologia — Dr. Mendes Corrêa» com os números 6 (Porto, 1970) e 9 (1971). Todos os artigos citados nesta nota são ilustrados, tendo o primeiro e dois últimos numerosos extratextos.